

Um olhar sobre a Educomunicação e alfabetização midiática. Das ondas do rádio do ensino fundamental ao ativismo no movimento dos secundaristas em ocupação

MARIA REHDER
LETÍCIA KAREN DE OLIVEIRA

Este artigo, respeitando as teorias da educomunicação e da inter-relação da comunicação e educação, foi escrito conjuntamente pela estudante secundarista Letícia Karen Oliveira, de 16 anos, aluna EE Fernão Dias Paes, São Paulo capital, e por Maria Rehder, pesquisadora do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) no âmbito do evento VII Encontro Brasileiro de Educomunicação | V Global MIL Week 2016 da UNESCO. Maria Rehder é pesquisadora há 15 anos do NCE-USP, recém-eleita vice-presidenta da ABPEducom - Associação Brasileira dos Profissionais e Pesquisadores de Educomunicação, com experiência em diferentes projetos de educomunicação no Brasil, Guiné-Bissau, Timor-Leste, Botsuana e Quênia. Justamente por respeitar a coerência com o referencial teórico da educomunicação, este artigo é escrito em quatro mãos para garantir a voz e conclusões da estudante envolvida nos processos de ocupação em torno das relações da educomunicação com o campo da alfabetização midiática e informacional.

Letícia Karen atuou ativamente no movimento dos estudantes secundaristas em ocupação em São Paulo, sendo porta-voz da ocupação de sua escola, incumbida de transmitir as informações do que acontecia dentro do movimento e na escola não só à comunidade do entorno, familiares e profissionais da educação, como também aos jornalistas dos meios comerciais de grande abrangência e, prioritariamente, às mídias alternativas que tiveram

extrema importância na amplificação da voz de todo movimento. Dentre as pautas de luta, se destacavam: o andamento da reintegração de posse das escolas que haviam sido ocupadas e, principalmente, a disseminação e explicação sobre os impactos negativos da reorganização imposta arbitrariamente pelo Governo Geraldo Alckmin como o grave risco do fechamento de escolas. Além desta ativa atuação de dentro para fora da escola, Letícia também participou das manifestações de rua e reuniões do movimento como um todo não se restringindo à sua escola. É importante ressaltar que a gestão realizada “pelos, com e para” os estudantes durante as ocupações respeitava um sistema de rodízio das tarefas o qual variou desde a limpeza, a realização de atividades como aulas públicas, segurança do portão e a instituição de uma comissão de atividades para garantir que não houvesse prejuízo para a educação dos estudantes das escolas ocupadas. Estas atividades foram reconhecidas como de grande qualidade de conteúdo e formato, garantindo a participação e voz de todas e todos, mobilizando não só estudantes, como professores, especialistas externos e até artistas.

A educomunicação¹ é entendida pelas duas autoras deste artigo com base na epistemologia defendida e pesquisada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP) desde 1998. “Firma-se, principalmente na América-Latina, um referencial teórico que sustenta a inter-relação comunicação e educação como campo de diálogo, espaço para o conhecimento crítico e criativo, para a cidadania e a solidariedade”. Partindo deste pressuposto, o artigo tem como objetivo principal promover a reflexão sobre como a participação de Letícia Karen, nos anos finais do ensino fundamental, em um projeto de educomunicação e alfabetização midiática de produção de programas de rádio com uso de computadores (com muita restrição de equipamentos e acesso à internet) mediado por uma professora de história que valorizava os processos horizontais e estimulava o protagonismo das alunas e dos alunos participantes, contribuiu para o seu ativismo na luta pela garantia do direito humano à educação e participação, além do desenvolvimento de suas habilidades comunicacionais, no contexto do movimento dos estudantes secundaristas em ocupação em São Paulo.

Movimento dos estudantes secundaristas das escolas públicas no Brasil

O movimento dos estudantes secundaristas em ocupação, iniciado em novembro de 2015 no estado de São Paulo, ganhou repercussão midiática nacional e em menos de seis meses

1 Soares, Ismar de Oliveira. “Educomunicação: um campo de mediações.” Comunicação & Educação 7.19 (2007).

também foi realidade nos estados do Ceará, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul. Os estudantes, dentro das escolas públicas, se organizaram para fazer reivindicações relacionadas à violação do seu direito humano à educação e à participação em diferentes contextos em cada estado. A estratégia de ocupação iniciada pelos estudantes paulistas, por exemplo, que se indignaram com o processo de reorganização das escolas imposta pela gestão do Governador Geraldo Alckmin foi iniciada com estudantes se organizando para proibir a entrada dos funcionários e de fato ocupar as escolas públicas, atraindo a atenção midiática pelos seus pontos de pauta. É importante destacar que em cada escola, em cada estado, há diferentes contextos como: estudantes sem ligação aos movimentos sociais ou estudantis, estudantes com ligação aos movimentos, a pauta de reivindicações tem suas particularidades em cada contexto. Como por exemplo, São Paulo teve as primeiras ocupações contra o processo de reorganização escolar. Já as escolas técnicas deste mesmo estado se organizaram para lutar pela merenda escolar. No estado de Goiás, por exemplo, a luta prioritária foi contra a privatização da educação no Brasil. Hoje, em outubro de 2016, os estados do Paraná e Minas Gerais também tem escolas ocupadas por secundaristas em luta.

Esta estratégia de ocupação, se analisada a partir dos seus objetivos prioritários determinados pelos estudantes, teve grandes resultados como alcançado a manchete dos principais jornais nacionais, acarretando na demissão do secretário estadual de educação de São Paulo e muitos impactos na implementação de políticas públicas, principalmente no que tange o abalar da estrutura verticalizada de comunicação entre gestores e estudantes. Entretanto, também houveram resultados negativos gravíssimos como repressão policial, incluindo a detenção de estudantes que se envolveram nas ocupações. No caso do estado do Ceará, mais de trezentos estudantes foram chamados à delegacia a depor. Os casos mobilizaram as organizações de direitos humanos que levaram os casos à Comissão Interamericana de Direitos Humanos² e também às Nações Unidas.

Educomunicação x alfabetização midiática e a experiência de Letícia Karen

A educomunicação³ é compreendida aqui como o conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais,

2 Informações disponíveis em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/parlatorio/em-videos-e-fotos-a-repressao-da-pm-aos-estudantes-secundaristas-8726.html>

3 Soares, Ismar de Oliveira. "Educomunicação: um campo de mediações." Comunicação & Educação 7.19 (2007).

assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos da informação no processo de aprendizagem.” (SOARES, 2002a, p. 115).

“Em 2012 entrei numa escola onde o projeto Educom.rádio⁴ já existia há três anos. Logo nos primeiros meses me interessei pelo projeto e comecei a participar. A minha escola Emef Vila Munck (localizada na rodovia Raposo Tavares, em São Paulo capital) se situava em uma região periférica. Lá eram muito comuns os problemas de disciplina em sala de aula. Pela escola, as paredes cinzas contrastavam com as cores dos jornais feitos pelos estudantes que apresentavam temas cotidianos e o bairro. Na salinha com menos de 5 metros quadrados acomodavam-se 12 pessoas. As limitações eram muitas. Apenas dois computadores, poucos materiais e infraestrutura precária. A internet era muito lenta”, reflete Letícia sobre o contexto de sua escola.

A metodologia do projeto que Letícia Karen participou consistia na realização de reuniões para discussão dos temas e definição das pautas que seriam abordadas nos programas de rádio e na produção do jornal impresso. As reuniões eram mensais e os produtos de comunicação produzidos eram: rádio no intervalo com música, jornal impresso bimestral e programas de rádio informativos. Dentre os espaços de construção, nasciam debates e trocas de experiências. De maneira horizontal e enxergando o aluno como protagonista, o projeto, que integrava os dois períodos da escola, contemplava as necessidades das diferentes faixas etárias da educação, com adequações metodológicas de acordo com as necessidades de cada período.

“O mais interessante sobre o que diz respeito ao projeto, era como foi bem recebido pelos alunos e professores, que se organizavam para propor temas, músicas e até opiniões. A relação professor-aluno-escola, era modificada, trazendo a troca de conhecimento como elemento principal de convívio. O projeto permitiu a aproximação dos diferentes setores da escola, com a abertura de discussões, cobertura de eventos que aconteciam dentro do próprio colégio, entrevistas aos funcionários, coberturas de acontecimentos e até pontos de gestão como a definição se haveria ou não uma sala ambiente por disciplina. Decisões que impactavam diretamente o currículo pedagógico, dentre diversas outras atividades correlacionadas. Possibilitou também a mudança de olhar a escola, trazendo o aluno não apenas como estatística, mas como indivíduo ativo e atuante dentro do espaço escolar”, explica Letícia Karen.

4 SOARES, Ismar. “Educom. rádio, na trilha de Mario Kaplún.” *José Marques de Melo et al., Educomidia, Alavanca da Cidadania, San Pablo, SBC/UMESP* (2006): 167-188.

Para a estudante, ao lembrar toda a metodologia do projeto, o que mais lhe motivara foi a possibilidade de participar da construção de uma escola melhor. Não só de um prédio melhor, mas também de uma escola democrática que abria sempre espaço para o debate, discussões que valorizavam a voz das alunas e dos alunos. “Sou suspeita para falar porque todos os programas de computador que hoje eu sei mexer eu aprendi participando daquele projeto”.

A partir destes pontos da reflexão de Letícia Karen é que este artigo analisa que a educação, conforme estudada e registrada epistemologicamente no Brasil e na América Latina, tem importantíssima contribuição para os estudos em torno dos conceitos de alfabetização midiática e informacional partindo do pressuposto da UNESCO⁵ de que “o empoderamento de pessoas por meio da Alfabetização Midiática e Informacional (Media and Information Literacy - MIL) é um pré-requisito importante para promover o acesso igualitário à informação e ao conhecimento e os sistemas de mídia e informação livres, independentes e plurais”. A Alfabetização Midiática e Informacional, segundo a UNESCO, reconhece o papel fundamental da informação e da mídia em nosso dia a dia. Está no centro da liberdade de expressão e informação, já que empodera cidadãos a compreender as funções da mídia e outros provedores de informação, a avaliar criticamente seus conteúdos e, como usuários e produtores de informação e de conteúdos de mídia, a tomar decisões com base nas informações disponíveis”.

Com base nesta compreensão da UNESCO⁶ sobre o conceito de alfabetização midiática e das teorias da educação, as autoras constatarem que o projeto Educom.rádio que Letícia Karen se envolvera anos antes do movimento dos estudantes secundaristas em ocupação pode ser reconhecido como um projeto de educação e também como uma prática de alfabetização midiática conforme o entendimento da UNESCO, pois o Educom.rádio a empoderou para não só compreender as funções da mídia e outros provedores de informação, além da avaliação de seus conteúdos, mas também a tornou, juntamente com as demais alunas e alunos envolvidos no projeto, produtoras e produtores de informação e de mídia a partir de processos dialógicos como prevê o campo da educação, garantindo a horizontalidade, participação de todas e todos envolvidos no processo e pluralidade de vozes.

5 Informações disponíveis em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/communication-and-information/access-to-knowledge/media-and-information-literacy/>.

6 UNESCO, Relatório Mundial. “Investir na diversidade cultural e no diálogo intercultural.” Direito Humano à Educação. Disponível em: <<http://www.dhescbrasil.org.br/index.php>>.

“O projeto contribuiu muito para o meu desenvolvimento enquanto pessoa, trazendo além do desenvolvimento de um olhar crítico, a possibilidade de colocar em prática matérias aprendidas em sala, como a produção textual e os estudos das desigualdades sociais. As relações metodológicas não hierárquicas e o exercício do compartilhamento para com o outro me ensinaram as diversas possibilidades de troca existentes em espaços onde as estruturas presentes são para que o debate não aconteça”, conclui Letícia Karen.

Ao ser motivada a ter voz nos diferentes processos comunicacionais e até de tomada de decisão da sua escola, Letícia Karen constata que desenvolveu suas habilidades comunicacionais e teve despertada a motivação para atuação política na luta por seus direitos no movimento dos estudantes secundaristas em ocupação, tendo a sua voz e a vozes das outras alunas e alunos amplificada para toda a sociedade por meio da mídia comercial, gerando importantes mudanças no rumo da implementação de políticas públicas, acarretando a demissão de um secretário de educação do estado de São Paulo e, de certa forma, obrigando ao Estado a considerar essas vozes de luta nascidas e provenientes das escolas. Vozes nunca antes escutadas e consideradas na formulação de políticas públicas. Ainda há imensos desafios como a repressão policial que tem tentado amordaçar as vozes e atuação ativa dos estudantes, porém, as conquistas foram muitas e chegaram a abalar a estrutura rígida e formal de um Estado que não abre nenhum espaço ou tipo de diálogo com estudantes.

Essa conclusão, com base nas reflexões das autoras sobre a relação da educomunicação com a alfabetização midiática e o empoderamento posterior da estudante na luta por seus direitos remetem às teorias da educação para a libertação de Paulo Freire⁷. “Conhecer não é o ato através do qual um sujeito transformado em objeto recebe dócil e passivamente os conteúdos que outro lhe dá ou lhe impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo, requer a sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção”.

Para a estudante, a sua participação anos antes no projeto de educomunicação contribuiu para a sua motivação e empoderamento para a luta por uma educação democrática e de qualidade no ensino médio. “Participar de todos os processos deste movimento que se tornou nacional, demonstrando a preocupação da juventude pelo ensino de qualidade me fez ter a certeza que somente a luta diária e as novas estratégias via ação e participação dentro das escolas podem resultar em conquistas positivas”, conclui Letícia Karen.

7 Freire, Paulo. *Extensão ou comunicação?*. Editora Paz e Terra, 2014.

Desta forma, as autoras deste artigo recomendam às autoridades brasileiras e a comunidade internacional e nacional de ativismo em direitos humanos e academia a valorizar e ouvir as vozes plurais ecoadas neste verdadeiro levante realizado no Brasil pelo movimento dos estudantes secundaristas em ocupação. As autoras repudiam qualquer tipo de violência policial ou amordaçamento das vozes dos estudantes. Ocupar e Resistir. Desistir, jamais.